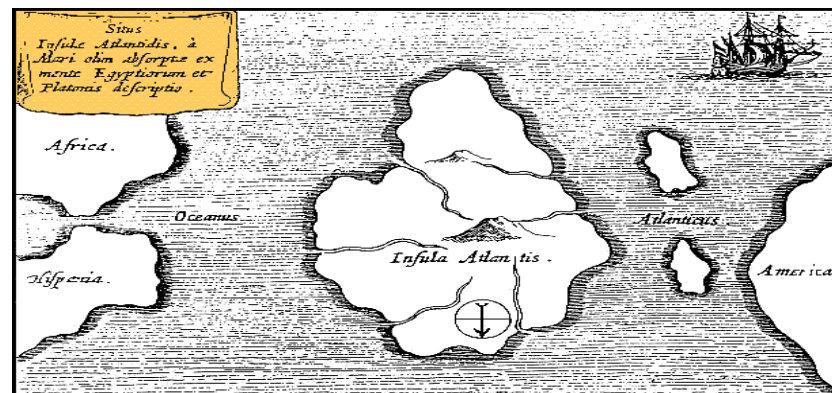


**CADERNOS de
ESTUDOS AÇORIANOS**

**REVISTA DE
ESTUDOS
LUSÓFONOS,
LÍNGUA E
LITERATURA,
DOS COLÓQUIOS
DA LUSOFONIA**



CADERNO # 41 - EDIÇÃO maio 2023

DEDICADO A MALVINA SOUSA

Todas as edições em <http://www.lusofonias.net>
<https://www.lusofonias.net/acorianidade/cadernos-acorianos-suplementos.html>

Editor AICL - Colóquios da Lusofonia Chrys Chrystello
Coordenação 2021-23 Susana Antunes

CONVENÇÃO: O Acordo Ortográfico 1990 rege os
Colóquios da Lusofonia para todos os textos escritos
após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)



Editado por ©™® COLÓQUIOS DA LUSOFONIA AICL,
ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL COLÓQUIOS DA LUSOFONIA
DVD ISSN 2183-9115 ONLINE ISSN 2183-9239



NOTA INTRODUTÓRIA

CHRY\$ CHRYSTELLO

Editor, Cadernos de Estudos Açorianos

Presidente da Direção da AICL, Colóquios da Lusofonia

No 11º Colóquio da Lusofonia [Lagoa 2009, então denominado 4º Encontro Açoriano] decidimos obviar ao fim do Curso de Estudos Açorianos da UAç (criado e ministrado por Martins Garcia e, posteriormente, por Urbano Bettencourt em Ponta Delgada).

Concebemos e organizamos em Braga, na Universidade do Minho, um Curso Breve **AÇORIANIDADE(S) e INSULARIDADE(S)** com a colega Rosário Girão (25 set. 2010-14 fevº 2011) e até hoje, aguardamos uma associação com uma entidade universitária para que o curso possa ser dado em linha (online) para todo o mundo, com o nosso apoio e dos autores nossos parceiros revertendo os proventos de inscrição para a entidade que queira apostar neste curso.

Depois de 2011 foi possível a alunos de mestrado e de doutoramento, na Universidade do Minho, na Roménia e Polónia, trabalharem autores açorianos, e traduzirem excertos em 14 línguas (francês inglês, italiano, chinês, árabe, romeno, polaco, russo, búlgaro, alemão, neerlandês, flamengo, castelhano e catalão). Assim, alguns desses autores açorianos foram incluídos em doutoramentos e mestrados na Polónia e Roménia. Decidimos então criar no portal www.lusofonias.net AICL- COLÓQUIOS DA LUSOFONIA ([Cadernos de Estudos Açorianos e Suplementos \(lusofonias.net\)](http://www.lusofonias.net)) uma publicação trimestral: os **CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS** para dar a conhecer excertos de obras (na sua maioria esgotadas) de autores açorianos e abrir uma janela de conhecimento e divulgação sobre a peculiar e rica escrita, que entendemos ser diferente, para não dizer única.

¹ Adotando a designação feliz utilizada por Álamo Oliveira, a propósito do poeta Almeida Firmino (autor de *Narcose*, e que no meu caso pessoal tão bem me caracteriza

Foi em janeiro 2010 que brotaram estes desprezíveis **CADERNOS de ESTUDOS AÇORIANOS** para acesso generalizado, fácil leitura e descarga em formato pdf. São de especial interesse para escolas, universidades e para os amadores da literatura em geral e destinam-se a quem anseia descobrir a Açorianidade literária. A sua conceção assenta na premência de dar a conhecer a AÇORIANIDADE LITERÁRIA¹ servindo de complemento aos currículos regionais e às Antologias de Autores Açorianos que a AICL-COLÓQUIOS DA LUSOFONIA já publicou².

Os Cadernos de Estudos Açorianos foram até 2016 uma publicação trimestral que tenta chegar a leitores nunca imaginados em todo o mundo. Reitera-se que não há qualquer critério - além da arbitrariedade - a definir a ordem de apresentação dos autores. Por falta de coordenador, estiveram suspensos e em 2020 foi nomeada a colega SUSANA ANTUNES como nova Coordenadora dos Cadernos. Além dos Cadernos Açorianos editamos, esporádica e aleatoriamente, SUPLEMENTOS AOS CADERNOS AÇORIANOS que servem para transcrever textos em homenagem a autores publicados pelos Colóquios da Lusofonia, pelos participantes ou pelos próprios.

Acolhemos como premissa o conceito de Martins Garcia que admite uma literatura açoriana «... Enquanto superestrutura emanada de um habitat, de uma vivência e de uma mundividência».

A açorianidade literária (termo inicialmente cunhado por Vitorino Nemésio na revista *Insula* em 1932, em paralelo com a Hispanidad de Miguel de Unamuno), não está exclusivamente relacionada com peculiaridades regionais, nem com temas comumente abordados na literatura, tais como a solidão, o mar, a emigração. Como escreveu J. Almeida Pavão (1988).

“ ... Assume-se tal Literatura com o estatuto de uma autonomia, consentânea com uma essencialidade que a diferencia da [Literatura] Continental”.

Assim, para nós [AICL- COLÓQUIOS DA LUSOFONIA], é Literatura de significação açoriana.

“...A escrita que se diferencia da de outros autores de Língua portuguesa com especificidades que identificam o autor talhado por elementos atmosféricos e sociológicos descoincidentes, justaposto a

² Antologia Bilingue de (15) Autores Açorianos Contemporâneos, Antologia (monolíngue) de (17) Autores Açorianos Contemporâneos, Coletânea de textos dramáticos de (5) autores açorianos, Antologia no feminino “9 ilhas, 9 escritoras”

vivências e comportamentos seculares sendo necessário apreender a noção das suas Mundividências e Mundivivências, e as infrangíveis relações umbilicais que as caracterizam face aos antepassados, às ilhas e locais de origem”.

A AICL- COLÓQUIOS DA LUSOFONIA entende que o rótulo comum de açorianidade abarca extratos diversos de idiossincrasias:

- *Um de formação endógena, constituído pelos que nasceram e viveram nas Ilhas, independentemente do facto de se terem ou não terem ausentado;*
- *O dos insularizados ou «ilhanizados»³ e de todos que consideram as ilhas como “suas” de um ponto de vista de matriz existencial;*
- *Um de formação exógena, no qual se incluem todos os que não nascendo nas ilhas a elas estão ligados por matrizes geracionais até à sexta geração.*

Muitos dos autores fazem parte da **ANTOLOGIA DE AUTORES AÇORIANOS CONTEMPORÂNEOS** que a Helena Chrystello e a Rosário Girão compilaram na versão **bilingue** (PT-EN) em 2011, na **Antologia monolingue** em 2012, na **Coletânea de Textos Dramáticos** de 2013, a que seguiu, em 2014, uma **Antologia no Feminino “9 ilhas. 9 escritoras”**. Nos CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS já se publicaram mais de quatro dezenas (por esta ordem) dedicados a autores contemporâneos (a maioria presente nos colóquios):

Cristóvão de Aguiar, Daniel de Sá. Dias de Melo, Vasco Pereira da Costa, Álamo Oliveira, Caetano Valadão Serpa, Machado Pires, Fernando Aires, Mário Machado Fraião, Emanuel Félix, Eduardo Bettencourt Pinto, Eduíno de Jesus, Onésimo Teotónio Almeida, Maria de Fátima Borges, Marcolino Candeias, Norberto Ávila, Victor Rui Soares, José Martins Garcia, Joana Félix, José Nuno da Câmara Pereira, Manuel Policarpo, Tomaz Borba Vieira, Maria das Dores Beirão, Maria Luísa Soares, Susana Teles Margarido, Madalena San-Bento, Carlos Tomé, Brites Araújo, Maria Luísa Ribeiro, Carolina Cordeiro, Pedro Paulo Câmara. José Nuno da Câmara Pereira II, José Luís da Silva, João Pedro Porto, Diniz Borges. Francisco Cota Fagundes, Pedro Almeida Maia, Diogo Ourique, Maria João Ruivo.

Para os iniciados em autores e temas açorianos, sugerimos que consultem a BGA bibliografia geral da açorianidade, compilada ao longo de sete anos (2010-2017). Incluímos nela todos os autores (açorianos residentes, expatriados e emigrados), estrangeiros ou nacionais, ilhanizados, açorianizados ou não, que escreveram sobre autores e temáticas açorianas, incluindo (por exemplo) Santa Catarina (Brasil), Canadá, EUA, Bermudas,

Havai, etc. Incluíram-se referências bibliográficas a histórias da diáspora, da colonização do Canadá, EUA, Brasil, da caça à baleia e tantos outros temas relacionados com a saga açoriana no mundo. Não se privilegiou a literatura, mas sim todos os ramos do saber sobre os quais se publicaram trabalhos, desde a biologia à botânica, à história, ciências sociais, etc.

A listagem abarca autores mais recentes da diáspora, de origem ou descendência açoriana e que dela se servem para a sua escrita. Adicionaram-se, em muitos casos, outros trabalhos destes autores bibliografados que podem nada ter a ver diretamente com os Açores, mas que dão a sua dimensão como autores. De uma forma geral estão aqui incluídos todos os trabalhos que já logramos identificar, direta ou indiretamente, sobre os Açores, seus temas e seus autores. Exaustiva é sem dúvida esta Bibliografia, ainda muito incompleta, iniciada por mim em 2010, mas decerto indicadora do que se tem produzido e muito do qual merece ser lido, analisado, criticado, trabalhado e traduzido sobre os Açores e seus temas, a autores, tradições, etc. Nem todos os trabalhos serão obras-primas ou relevantes, mas por entre o trigo e o joio há excelentes obras à espera de serem descobertas, lidas e ensinadas.

Em 2017, o ICPD (João Paulo Constância), em o académico Rolf Kemmler da Academia de Ciências de Lisboa e UTAD, fizeram uma revisão metodológica aos dados da Bibliografia, publicada em livro de 2 volumes, pela Letras Lavadas em cuja Livraria de Ponta Delgada pode adquirir ou encomendar e que está atualmente em atualização em linha [5 BGA Bibliografia G Açorianidade \(lusofonias.net\)](#).

Nomeada a colega Susana Antunes como Coordenadora dos Cadernos de Estudos Açorianos já publicou 8 novos Cadernos (nº 34 JOSÉ LUÍS DA SILVA, Nº 35 JOÃO PEDRO PORTO, Nº 36 DINIZ BORGES, Nº 37 FRANCISCO COTA FAGUNDES, Nº 38 PEDRO ALMEIDA MAIA, Nº 39 DIOGO OURIQUE, Nº 40 MARIA JOÃO RUIVO, Nº 41 MALVINA SOUSA).

Os Cadernos Açorianos entre 2010 e 2021 inclusive foram incluídos no nº 5 da **Revista de Estudos Lusófonos, Língua e Literatura** <https://www.lusofonias.net/documentos/revistas.html>



Malvina Sousa

Nasceu e cresceu em São Miguel, nos Açores. É licenciada em Português e Francês, é professora e vive na procura incessante de se encontrar em tudo o que faz, em diferença e sentir, num convite permanente ao exercício da vida. E é nesta busca particular de transformar tudo o que lhe acontece em desafios, fazendo-os acontecer de maneira diferente, que se revê, revigora, renasce (tal como o imenso mar que, todos os dias, não se compraz em revolver a mesma água, antes a renova). Desde que alinhados com os valores que lhe conferem identidade e, de forma acérrima, defende, responde com a mesma solicitude, empenhamento e entusiasmo ao sinal de um aluno, numa aula ou fora dela, como a um convite mais formal onde possa apresentar, em primeira mão, a sua versão da vida. Desta forma, vai ao encontro dos outros, em lugares nos quais lhe pedem para falar de si, ao que responde falando do que escreve, que a tem dentro... a si, e aos outros. Tem sido assim nas sessões que tem feito em diversas escolas, nas quais, com alunos, miúdos e graúdos, tem falado da essência da escrita e da magia desta. Para além disso, sempre que lhe pedem para falar do que escreve, pelos valores que defende, ou da escola/aprendizagem... acede, pelo seu lado interventivo e por querer ter um papel ativo nestes contextos, porque acredita (e isso os seus alunos também já divulgam) que todos podemos sempre fazer a diferença no que quer que façamos! Por isso, aceitou o convite para participar nos Cadernos Açorianos, não só enquanto autora, como também com uma intervenção acerca da educação e da importância desta, sobretudo nos dias de hoje, tão desafiante a tantos níveis.

Tem desenvolvido e preparado, ao longo dos anos, e nas diferentes escolas pelas quais tem passado, atividades que envolvem os alunos nas mais diversas formas, procurando que vejam com outros olhos a leitura e a escrita, e, ao mesmo tempo, levando-os a refletirem e a desenvolverem o seu espírito crítico e de cidadania. Vejamos alguns exemplos: o **“Escritor Mistério”** (mensalmente, os alunos eram convidados, através de pistas dadas, a descobrir de que escritor se falava, levando-os a conhecerem mais acerca da vida de diferentes autores e, muitas vezes, a pesquisarem acerca dos mesmos para conseguirem descobrir o mistério lançado); o **“Facebook das Palavras”** (atividade que, aliando a língua ao uso das novas tecnologias, pedia aos alunos que enviassem um “pedido de amizade” a uma palavra cujo significado não conhecessem; deste modo, aprendiam novos vocábulos e exploravam os seus significados); o **“Facebook das reflexões”** (os alunos davam a sua opinião/exploravam sentidos e significados de frases que lhes eram dadas) ; a **“A corrida da Literatura”** (os alunos selecionavam as suas obras preferidas e estas iam, depois, a votação para ver qual, de entre as mais escolhidas, era a vencedora); a **“Poesia Take-away”** (os alunos escolhiam poemas e depois iam distribuir esses poemas na rua às pessoas que passavam - esta atividade foi feita na Semana da Poesia); **“A escola tem talento”** (semelhante ao programa “Got Talent”, na qual os alunos mostraram à comunidade escolar algo que gostavam de fazer (cantar, dançar, declamar, tocar... ou outras coisas); no entanto, ao contrário do programa já referido, nesta atividade não eram submetidos a um júri, apenas partilhavam algo que gostavam de fazer, mostrando um outro lado seu... a atividade foi bastante interessante, apesar de ter exigido muito trabalho porque, à semelhança do programa original, implicava o envio de vídeos breves nos quais os alunos se davam a conhecer, e envolveu muita preparação (dos vídeos, das músicas...); foi, ainda, apresentada por alunos, perante um auditório cheio de alunos e professores, num dia de final de período. Os alunos adoraram mostrar outros lados deles e dos quais não costumavam falar.

Para além dessas atividades, alguns dos projetos desenvolvidos também foram reveladores, como, por exemplo, “**Um momento... um sorriso**”, no qual, ao longo do ano, uma turma da qual Malvina Sousa era Diretora de Turma, desenvolveu atividades de angariações e, depois, preparou ações que seriam levadas a cabo em Lares de Crianças. Foram momentos muito enriquecedores e contaram, também, com a presença de alguns Encarregados de Educação. Outro dos projetos desenvolvidos, foi o de uma **Viagem de finalistas** (que envolveu muito trabalho ao longo de um ano), tendo-se conseguido que uma turma, no final do 9.º ano, concretizasse este seu sonho e pudesse, assim, guardar recordações inesquecíveis dessa fase das suas vidas!

Para além das atividades acima descritas, surgiram outras, mais assíduas. Servem de exemplo as sessões nas quais foram convidados diferentes autores açorianos a falarem das suas obras, o que Malvina considera importante, por dar aos alunos a oportunidade de contactarem com diferentes obras e de conversarem, cara a cara, com os autores.

Do mesmo modo, em grande parte das escolas nas quais trabalhou e também em outras que em que foi convidada, tem vindo a desenvolver sessões de escrita criativa (com diferentes faixas etárias e subordinadas a variados temas e com diversos objetivos), que resultam, quase sempre na exposição dos trabalhos destes (serve de exemplo o **Estendal da Poesia**, no qual são expostos os textos que resultam de sessões dedicadas à poesia, entre outros).

Outra das dinâmicas que leva a cabo nas escolas por onde tem passado é a da “Aula de Fora”, criada e totalmente preparada pela Malvina, na qual são convidadas pessoas que não pertencem à escola “interna”, mas à grande escola da vida, que é a comunidade escolar de todos, e que vêm dar o seu testemunho de vida. Estes momentos pretendem ser de reflexão e de sentir, desejando ainda que se constituam como um alerta aos alunos e a todos os participantes no que diz respeito a atitudes e valores de cidadania, assim como à forma como as pessoas olham para a vida, veem as diferenças de cada um e constroem cada dia da sua existência. Por exemplo, numa das últimas sessões desta, ocorrida a 16 de fevereiro, quatro turmas dos 9.ºs anos, ouviram histórias de vida que têm tanto de perturbador como de inspirador e que revelaram a realidade crua, mas direta, sem rodeios! E contada na primeira pessoa, algo que Malvina considera muito importante. Assim, a convidada Lina Pimentel revelou a sua tocante história de vida, marcada pelo seu problema visual (começou a perder a visão em criança), que tocou e mudou a sua vida, desde sempre. De uma forma simples e tocante, e até com algum humor, explicou-nos a sua condição e contou-nos as suas experiências e vivências, as suas emoções, as tristezas e as alegrias, assim como os sentimentos associados às diferentes fases da sua vida... os dela... e os das outras pessoas! Também foi dada a palavra a Lurdes Viveiros, uma mulher que, perante as dificuldades da vida, nunca baixou os braços e sempre procurou fazer mais. Desde a sua infância aos seus estudos, a sua família e os diferentes empregos que já teve, Lurdes contou-nos que hoje é feliz no trabalho que efetua, e sendo bombeira. E teve, também, a coragem de nos falar da doença que a atingiu e lhe tirou o chão, há pouco tempo, e que a fez questionar e repensar muitas coisas. Mas Lina e Lurdes não se lamentaram! Pelo contrário! Ofereceram garra a todas as vidas presentes naquela sala... e revelaram ser uma inspiração, dois grandes exemplos de vida e de força, deixando a mensagem de que devemos agradecer cada dia pelo que temos e que há coisas que podem parecer impossíveis... até que, se nos

atrevermos a acreditar e a sonhar, deixam de o ser. Com esta “Aula de Fora” todos ficaram mais ricos interiormente e perceberam melhor como enfrentar a vida e lidar com as lutas, com as diferenças, restabelecendo forças e valores na nossa sociedade, tornando-a mais consciente, justa e verdadeira. E todos perceberam que as lições podem estar em todo o lado, em cada um de nós. Mas, muitos foram os convidados que já estiveram presentes nestas aulas, como Ema Gonçalves, que perdeu a audição e deu a conhecer a forma como sente a vida; Ruben Garcia, que tem um problema motor e, mesmo assim, participa em provas de paraciclismo, sendo vencedor de várias destas; Amélia Meireles, que se viu obrigada a fugir de Angola, deixando tudo para trás, aquando da guerra; ou, ainda, diferentes profissionais das mais variadas áreas (do futebol, do turismo e da hotelaria, assistentes de bordo, cabeleireiras, entre outros), a partilharem as suas vivências e experiências e, sobretudo, formas de olhar para o mundo e para a vida. São assim... as “**Aulas de Fora**”.

Malvina Sousa participou, também, em alguns *webinars*, durante a pandemia, acerca da escrita ou da temática da violência.

Estes são alguns exemplos do que tem feito nas diversas escolas por onde tem passado (desde Escolas Profissionais, a outras, em São Miguel e não só), para os alunos, com os alunos.

Outro lado de Malvina, também aliado à criatividade, mas que nada tem a ver com escrita, é o seu gosto pela realização de trabalhos manuais, seja aliado à criação de objetos de decoração, de bijuteria ou de costura criativa.

PUBLICAÇÕES

- . 2011, publicou ***Momentos*** (poesia);
 - . 2014, participou na ***Antologia de Poesia Contemporânea Entre o Sono e o Sonho, Volume V***, no ***Poemário 2015*** e na Antologia ***O Silêncio da Solidão***;
 - . 2015, fez parte da Antologia ***Memórias Esquecidas no Tempo***;
 - . 2019, publicou ***Até que a violência nos separe***, edição Letras Lavadas. No final deste mesmo ano, participou na coletânea ***Este ano desembulha o espírito de Natal***, edição Letras Lavadas;
 - . 2021, contribuiu para a coletânea ***Mulher, Coração da Liberdade***, edição Letras Lavadas;
 - . 2022, fez parte da ***Nova antologia de autores açorianos***, organizada por Helena Chrystello, coletânea que também contou com o selo da Editora Letras Lavadas.
- Pontualmente, e sempre que considera relevante, publica artigos em jornais da Região.

IMAGENS ILUSTRATIVAS DE ALGUMAS SESSÕES DE ESCRITA CRIATIVA

8

ESCRITA CRIATIVA NA EBS ARMANDO CÔRTEZ-RODRIGUES (Vila Franca do Campo, São Miguel – Açores)



**ESCRITA CRIATIVA NA EBI ÁGUA DE PAU
(Água de Pau, São Miguel – Açores)**



**ESCRITA CRIATIVA NA ESCOLA SECUNDÁRIA DA RIBEIRA
GRANDE
(R. Grande, São Miguel – Açores)**

Fotografia exemplificativa de um “**Estendal da Poesia**”,
resultante de sessões da Escrita Criativa
efetuadas em diferentes turmas **EBS ARMANDO CÔRTEZ-RODRIGUES**
(Vila Franca do Campo, São Miguel – Açores)



Outras fotografias exemplificativas de **EXPOSIÇÃO DOS TRABALHOS** concretizados pelos alunos, seja resultado das sessões de escrita criativa, seja de outros eventos.

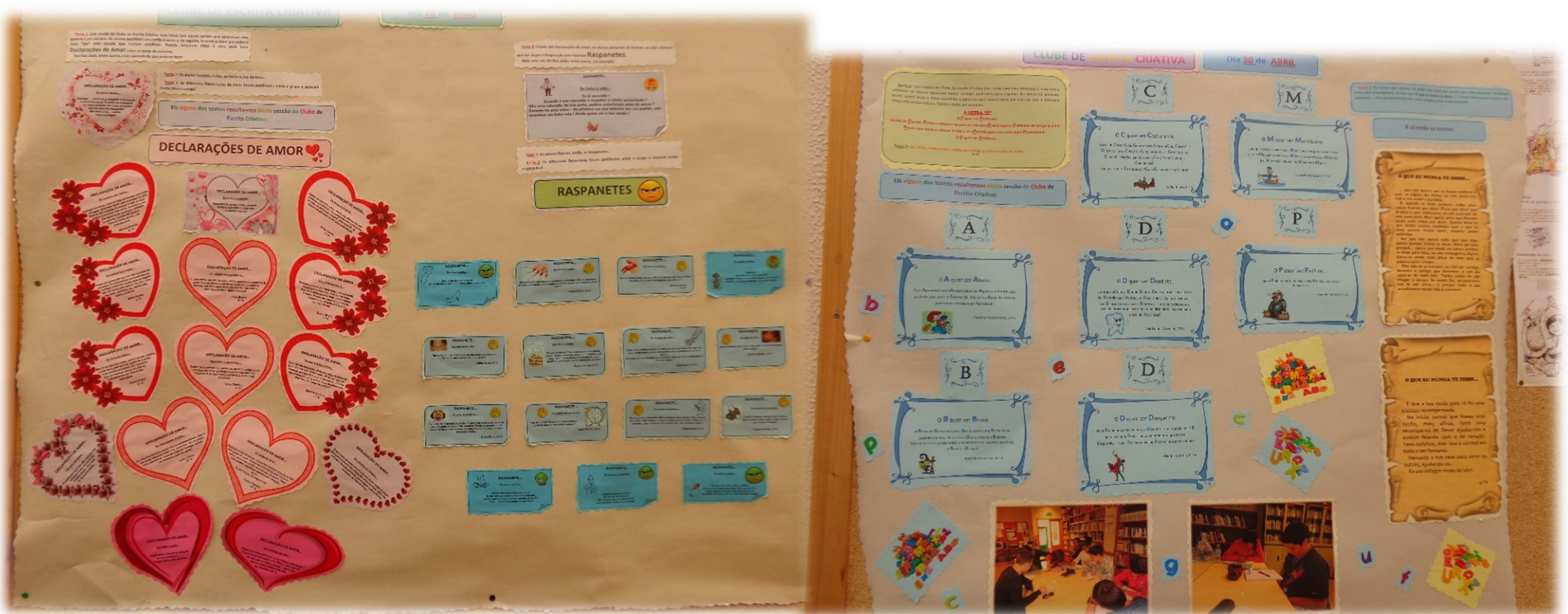
11

ESTENDAL DA POESIA, resultado de textos efetuados pelos alunos em sessões de Escrita Criativa, a primeira em EBI ÁGUA DE PAU (Água de Pau), a segunda na Escola Secundária das Laranjeiras (Ponta Delgada), ambas em São Miguel – Açores)



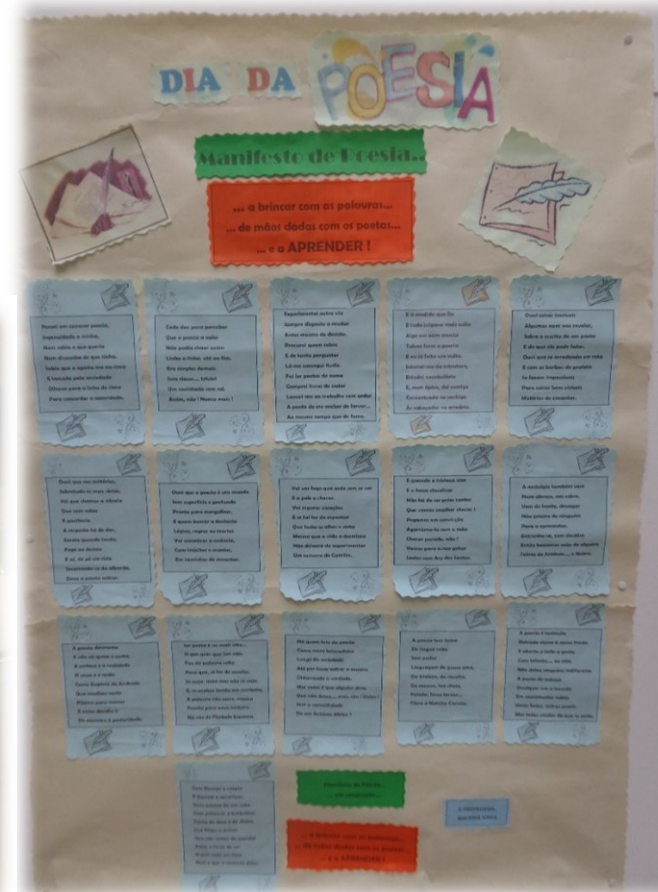
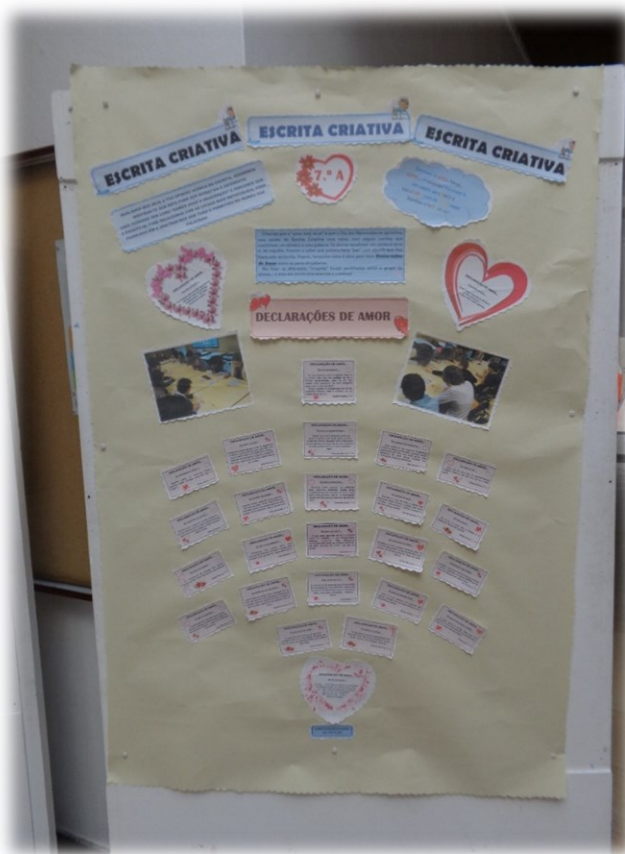
ESPAÇOS DEDICADOS À DIVULGAÇÃO DOS TRABALHOS EFETUADOS PELOS ALUNOS no “CLUBE DA ESCRITA CRIATIVA” (com temáticas ora divertidas, e, muitas vezes, inesperadas, ora mais sérias).

Em EBI DA VILA DO TOPO (Topo, São Jorge – Açores)



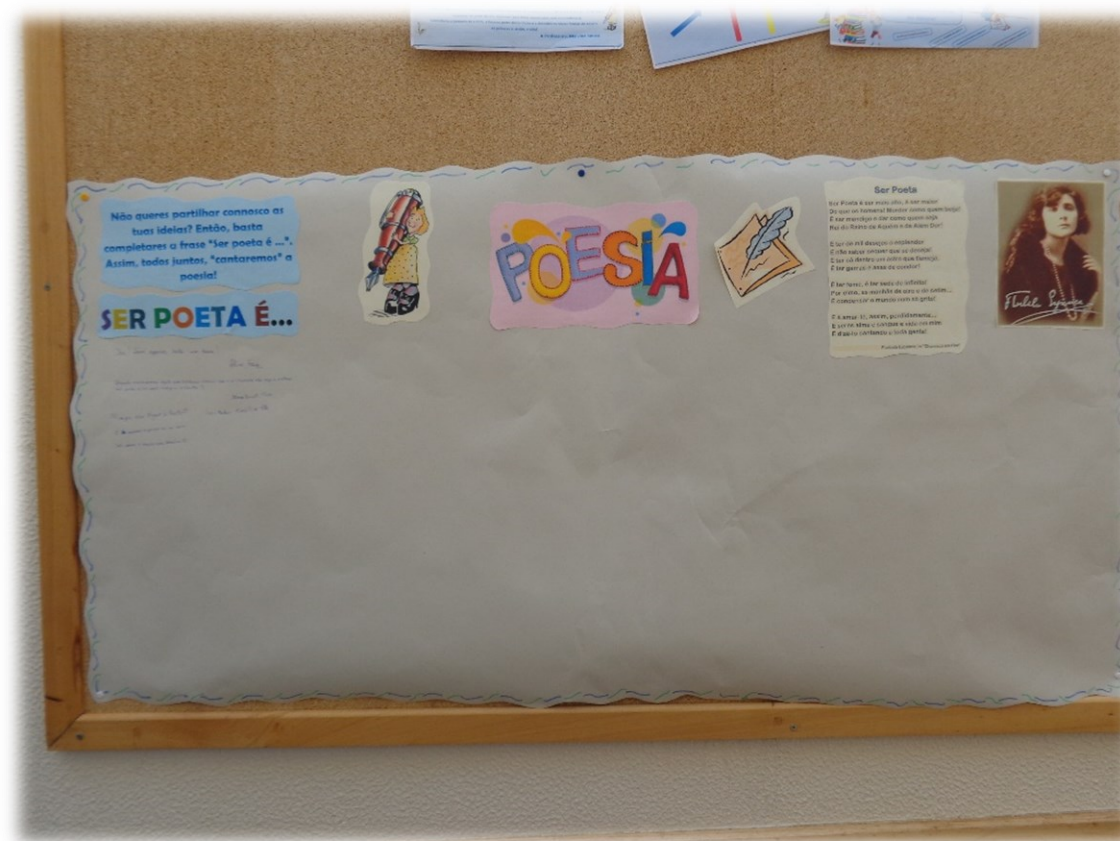
ESCOLA SECUNDÁRIA DAS LARANJEIRAS (Ponta Delgada, São Miguel – Açores)

13



EBI ÁGUA DE PAU (Água de Pau, São Miguel – Açores)

NA “SEMANA DA POESIA”, OS ALUNOS TAMBÉM FORAM CONVIDADOS A DEIXAR AS SUAS IDEIAS REGISTRADAS, EBI DA VILA DO TOPO (Topo, São Jorge – Açores)



OUTRAS ATIVIDADES

Fotografias exemplificativas de **sessões preparadas para os alunos** (celebrações do Dia do Autor Português, por exemplo, ou do Dia Mundial do Livro)

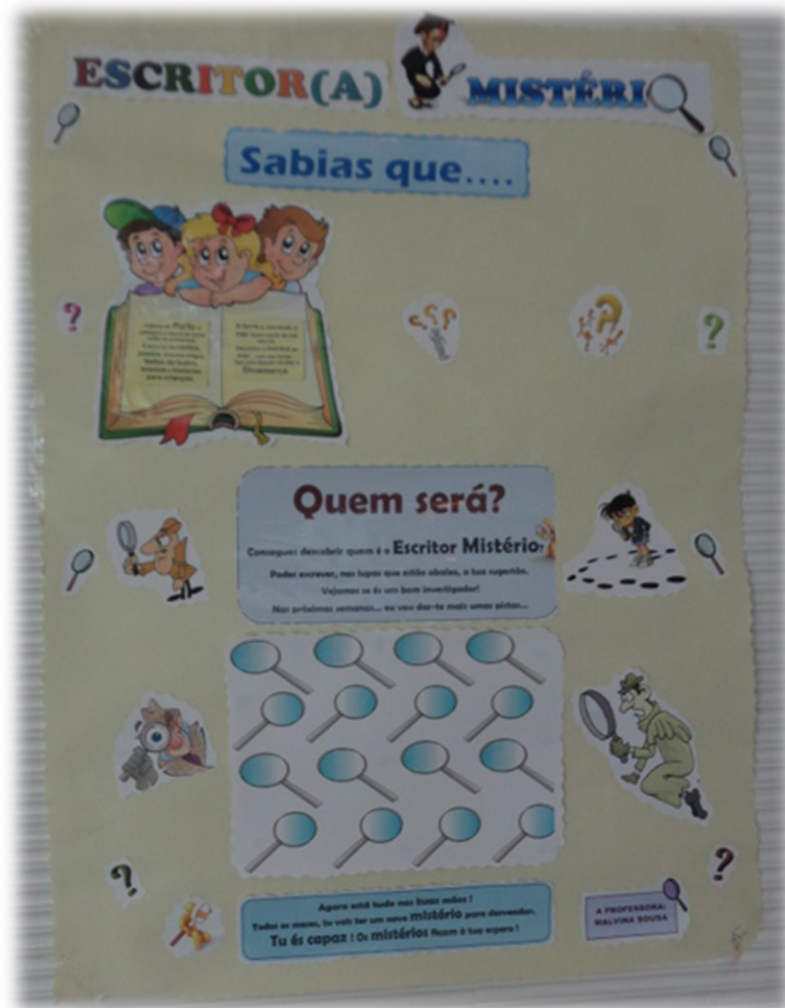
ESCOLA SECUNDÁRIA DE LAGOA (Lagoa, São Miguel – Açores)

No “DIA DO AUTOR PORTUGUÊS”, os alunos contactaram com a vida e a obra das autoras Amélia Meireles e Joana Medeiros – **ESCOLA SECUNDÁRIA DE LAGOA (Lagoa, São Miguel – Açores)**



Fotografias ilustrativas das atividades “O escritor Mistério” – EBI ÁGUA DE PAU (Água de Pau) – e “A Corrida da Literatura” – ESCOLA SECUNDÁRIA DE LAGOA (Lagoa), ambas em São Miguel – Açores

16



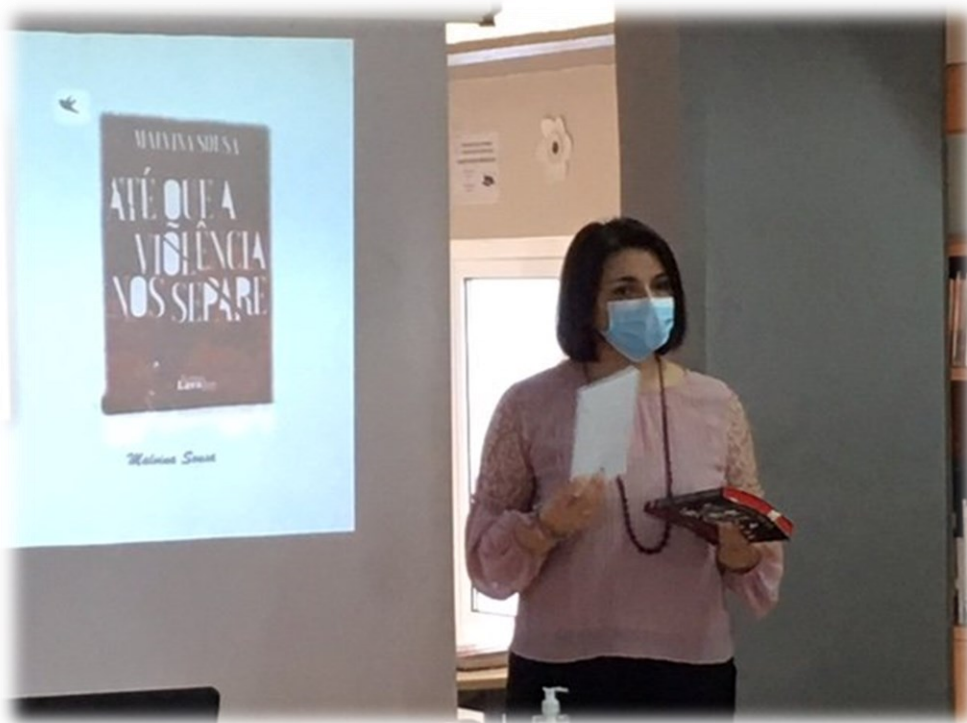
FOTOGRAFIAS EXEMPLIFICATIVAS DE “**Aulas de Fora**”: as duas primeiras com os convidados LINA PIMENTEL (com problemas visuais) E RUBEN GARCIA (com problemas motores); a outra com Ema Gonçalves, (com problemas de audição) – **EBI ÁGUA DE PAU** (Água de Pau, São Miguel – Açores)



FOTOGRAFIAS EXEMPLIFICATIVAS de sessões acerca dos livros de Malvina ou de escrita criativa, efetuadas noutras escolas, a convite das mesmas.

18

**EBI dos Ginetes e em EBI Água de Pau
(ambas em São Miguel – Açores)**





**EBI dos Ginetes, já no presente ano letivo 2022-23
(Ginetes, São Miguel – Açores)**



Escola Secundária das Laranjeiras, também já no presente ano letivo de 22/23 (Ponta Delgada, São Miguel – Açores)



SESSÃO DE LANÇAMENTO do livro de Malvina Sousa
Até que a violência nos separe, a 21 de maio de 2019 (Fotos de Paulo R. Cabral)

21



SESSÃO DE LANÇAMENTO da coletânea *Este ano desembulha o espírito de Natal* (Foto de Duarte Pereira); de uma sessão de declamação de poesia, promovida pela Livraria Letras Lavadas (Foto de Paulo R. Cabral); ou da participação em eventos relacionados com livros e com a escrita.



PARTICIPAÇÃO NO 36.º COLÓQUIO DA LUSOFONIA, EM PONTA DELGADA



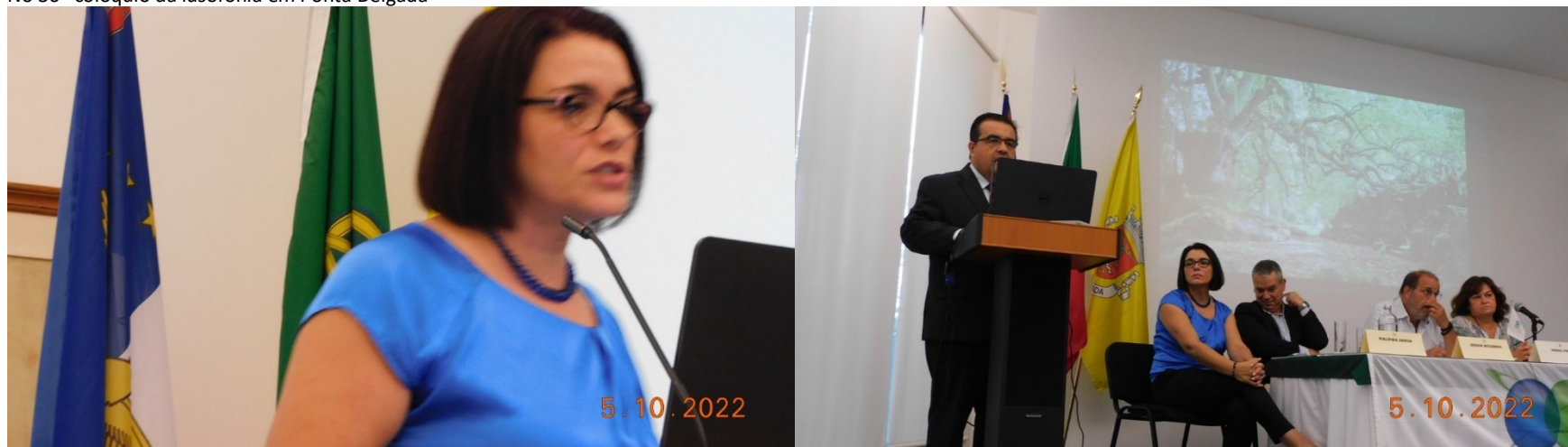
23

No 36º colóquio da lusofonia em Ponta Delgada





No 36º colóquio da lusofonia em Ponta Delgada



ARTIGO DE OPINIÃO publicado em 2018, aquando das greves de professores

14 Opinião

ACORIANO ORIENTAL
QUINTA-FEIRA, 19 DE JULHO DE 2018

25

Diga Leitor

Eu sou professora

Eu sou professora. Há já algum tempo. E sou-o de profissão e de coração.

Desde que iniciei esta minha aventura que, na vida que se vive dentro das escolas, tenho visto um pouco de tudo... mas confesso que nunca vi tamanho atentado contra a justiça e os direitos das pessoas!

Todos os dias, estou e sou com os meus alunos. Na preparação das minhas aulas, procuro estratégias que possam conduzi-los a caminhos que não são mais do que atalhos para os seus futuros. Conheço os seus medos, os seus problemas, as suas dificuldades, mas também os seus dons e as suas qualidades! Invento mil e uma atividades, durante o ano, dentro e fora das minhas aulas, dentro e fora do meu horário letivo, que os façam sentir que contam, que são parte da escola, que têm valor. Procuro motivá-los, independentemente das condições que temos para trabalhar, independentemente dos problemas e das vicissitudes da nossa própria vida. Sim, porque nós, professores, também temos vida, sentimentos e situações que nos remexem por dentro!

E, aconteça o que acontecer, eu não desisto dos meus alunos.

Transmito-lhes, para além dos conhecimentos, algumas mensagens que considero muito importantes: o respeito pelo outro, a luta pela igualdade, a certeza de que, independentemente das nossas dificuldades e da nossa história, nada nos pode impedir de alcançarmos os nossos objetivos e de lutarmos pelos nossos sonhos. Há uma frase que sintetiza a minha filosofia de vida e que tento inculcar na deles: marcar a diferença!

E a verdade é que tenho visto muitos dos meus alunos, outros desorientados e sem objetivos de vida, a decidirem, afinal, lutar pelos seus sonhos e... marcar a diferença! E eu fico a vê-los, orgulhosa e feliz, por ter feito parte da vida deles, mais ainda quando me dizem que o fizeram porque eu os empurrei para isso!

A verdade é que sou daquelas pessoas que se alegra pelo sucesso dos outros e que deseja, de coração, que todos conquistem o seu "lugar na vida". Na sua vida! E, felizmente, tenho assistido a muitas conquistas!

Mas, nos últimos dias, tenho o coração negro. Quando eu, que ingenuamente, acreditava na justiça e nos valores que tanto promovo junto dos meus alunos, fui alvo, juntamente com toda a minha classe, de um verdadeiro atem-

tado: retiraram-nos o direito à greve! E impõem serviços mínimos a quem dá o máximo todos os dias, como se fôssemos figurinhas no meio de um jogo qualquer e não vidas reais, tantas vezes atingidas pelas vidas dos outros, a lutar pelas vidas dos outros!

Não somos mais do que os outros! É verdade! Nem menos! Ora, também por isso não compreendo por que razão a própria sociedade permite ou aceita que nos "roubem" anos de vida, anos de trabalho, de entrega, quando isso, só a nós acontecendo, é visto como normal.

Confesso que já passei por muita coisa. Já dei aulas longe de casa, noutra ilha, longe de tudo e de todos. Passei por escolas grandes e pequenas... conheci histórias cheias de luz e outras que me apertaram o coração... e, apesar de tudo, em momento algum, deixei de lutar pelos meus alunos e pelos direitos deles, sobretudo o de serem felizes, o que quer que isso signifique! E, em momento algum, deixei de acreditar que, onde quer que estivesse, tudo era possível.

Nunca pensei, no entanto, assistir a algo que considerava impossível: o desrespeito total, sobretudo por uma classe que é a base, o apoio e a força para aqueles que são o presente e o futuro. É a mensagem que o país lhes está a transmitir é assustadora!

Uma mensagem de que não podem nem devem lutar pelos seus direitos, porque imperam aqueles que inventam mentiras acerca dos professores e que os obrigam a calar-se, querendo fazer deles reféns, sem alma nem voz! Uma mensagem de que vale tudo e de que se pode tudo, mesmo que se desrespeite a essência do ser humano. Uma mensagem de que o dinheiro é para se gastar em estradas, Big Brothers e Casas dos Segredos, em atribuir subsídios a quem ganha por mérito mais do que uma não cheia de professores, em viver no "faz de conta" e no mundo da fantasia, quando nós, professores, todos os dias, lidamos com as vidas reais (e nem sempre fáceis) dos nossos alunos...

Temos sido ProSucesso, Flexibilidade, Compromisso Educativo. Temos sido cobaias de experiências educacionais que estão condenadas à partida, de mudanças de programas e de tantas ideias que nos têm como agentes, motores, alma! Mas a verdade é que somos lutadores. E o que se tem passado nos últimos dias tem mostrado precisamente isso! Nunca, no meio de tanta fraqueza, estivemos tão unidos e fomos tão fortes! O que me deixa orgulhosa!

Eu sou professora. E levo isso muito a sério! Para muita gente que não sabe o que isso é, e que jul-

ga que a nossa vida é uma festa e que está sempre tudo bem, impõe-se a reflexão. Impõe-se a tomada de consciência de que estamos todos os dias com os vossos filhos e que lutamos por eles, também todos os dias. Impõe-se refletir e perceber que esta luta que travamos, nesta altura do ano, não foi feita para prejudicar ninguém, muito menos os alunos, mas sim para repor direitos e contornar injustiças consagradas na lei e que foram publicamente reconhecidos por quem governa... até ao momento em que o ditou virou promessa de circunstância, ou, para sermos mais claros, não dito!

Nunca foram e nunca serão os professores a prejudicar os alunos, a quem protegem o ano inteiro e por quem tanto fazem! Impõe-se a percepção de que bons professores formam melhores profissionais, melhores cidadãos e melhores pessoas!

Recuso-me, como sempre fiz ao longo da minha vida, a ceder aqui-lo em que não acredito.

Recuso-me a viver num mundo de mentiras e de faz de conta. Recuso, liminarmente, abdicar do direito à indignação!

Sei quem sou e o que tenho feito.

Eu sou professora. E não quero ser sem marcar a diferença! *
PALVINA SOUSA

ARTIGO DE OPINIÃO publicado em 2020, aquando da pandemia

(Tenho saudades dos meus alunos...)



Malvina Sousa
Professora e escritora

O dia acorda igual a si mesmo e, ao mesmo tempo, tão diferente de todos os outros... Grata por estar bem, pelo menos por enquanto, e por saber que as pessoas que amo também estão, preparo-me para iniciar a minha jornada. À medida que os minutos passam, sinto na pele as diferenças que, hoje, o mundo nos atirou à cara, como se de uma bofetada se tratasse... e estas diferenças começam nas coisas mais simples: estou a trabalhar... em casa. E sou grata, que fique bem claro, por poder, tanto quanto possível, guardar-me desse inimigo invisível que apareceu nas nossas vidas, consciente de que há tantas pessoas que não têm essa sorte e que há sempre alguém da nossa família que não pode ficar em casa, tendo de sair para trabalhar... Olho para o relógio e dou por mim a sorrir, com uma angústia no peito: penso na turma com a qual estaria, a esta hora, num dia "normal"... e volto a sorrir. Num dia "normal", já teria brincado com os meus alunos, já os teria visto rir, já teria reclamado com a *Josefina*, porque nunca está calada, já teria elogiado o trabalho da *Maria*, chamado a atenção do *Joaquim* para estar sossegado, reclamado com a *Felismina*, que nega fazer aquilo que todos a viram fazer, já teria sorrido, com orgulho, para o *João*, pela resposta dada... já teria sentido, dentro de mim, a emoção que é ver os outros chegarem a um caminho do qual fizemos parte, no qual demos a mão... hoje, tudo mudou nas nossas vidas, vive-mos o ensino à distância (que ficará, quem sabe, para outro texto, porque há tanto neste que, quem está de fora, não faz ideia do que tem sido) e andamos a correr como loucos, dentro das nossas casas, numa tentativa de ajudar e apoiar todos...

Mas o que me assalta... é que tenho saudades dos meus alunos. E ao dizer isso, ao pensar e sentir isso... sinto um aperto no peito. E arrepiava-me a percepção de que nós assumimos grande parte das coisas na nossa vida como garantidas: há uns meses atrás, ninguém imaginava que estaríamos como estamos, confinados às nossas casas, em caminhadas que não duram mais que minutos, porque não há mais nada que percorrer, entre as paredes dos nossos lares, limitados a determinadas ações, sem podermos sair para trabalhar, ir às compras, tomar um café... para ir dar uma volta, espreitar, ver gente, sentir gente... falar com alguém... há uns meses atrás, ninguém imaginava que teríamos de evitar estar com os nossos pais e com tantas pessoas de quem gostamos (e que também são essenciais para o nosso bem-estar psicológico), para evitar que adoecem, simplesmente porque não sabemos sequer se está tudo bem connosco e se assim vai continuar. Tenho saudades dos meus pais, da minha família, dos que estão longe, apesar de perto, e dos que estão longe efetivamente... tenho saudades de os sentir ao pé de mim! De poder estar à frente deles, de os abraçar! Agora, estamos agarrados às novas tecnologias para trabalhar, reunir... e tanto mais... nunca o mundo esteve tão conectado... e nunca o mundo teve tanto medo de se desconectar... nunca as pessoas estiveram tão isoladas e precisaram tanto umas das outras para as coisas mais simples e que ninguém colocava em causa. Aconteceu tudo tão de repente! Num segundo, eram os outros... de repente, sem mais nem menos, já éramos nós... De um momento para o outro, as imagens, que pareciam saídas de um filme de terror, e que nos faziam ficar parados em frente à televisão, de coração apertado, bateram-nos à porta... e o medo, a incerteza, a confusão... não mais nos largaram... como é que tudo muda, assim, de repente? Na verdade, a situação que vivemos, neste momento, é angustiante, mas também extremamente reveladora. Para o bem e para o mal! Revelam-se receios, vontades, humores, vícios cheios de graça, seguidos de outros educativos, ou, ainda,

de outros perigosos, enganadores, porque toda a gente fala de tudo sem saber nada de nada (mas eu nem quero entrar por aqui, porque grande parte dos comentários que surgem em tantos sítios não merecem sequer atenção)... há mensagens de esperança, abraços que se dão ao longe, homenagens aos que estão na linha da frente e que, curiosamente, nunca foram tidos em conta nem ouvidos. Agora, são heróis... estranho mundo esse, não é? Há reclamações para com os professores, que, afinal, tentam manter os seus alunos em ação... e que sempre deram a cara e muito da sua vida pelos filhos dos outros, apesar de todas as críticas que lhes são feitas... há, ainda, partilhas de mil plataformas, de receitas de teletrabalho e de culinária, sugestões de atividades, de séries e filmes a ver... Há tempo para pensar. No que fazíamos, no que éramos, no que somos, no que podemos fazer. Há a possibilidade de, perante o enclausuramento e a angústia que nos assola, procuramos aprender com o que se passa e nos tornarmos melhores pessoas, ou, pelo contrário, revelar o que de pior há em nós... Os números devoram-nos, todos os dias, constantemente, nas televisões, a anunciar o crescimento dos nossos piores medos. E acordar, a cada novo dia, revela-se uma vitória... por isso, que direito temos nós de reclamar e de nos lamuriarmos quando o sol brilha lá fora? A vida tem-me ensinado que todas as situações, por pior que sejam, podem servir sempre para que aprendamos algo com elas. E que, por pior que estejamos, há sempre alguém que sofre mais. Neste momento, estamos bem. Aproveitemos, então, para nos vermos uns aos outros, em vez de nos limitarmos a olhar... tentemos ser mais... e mais humanos! Da minha casa, consigo ver e ouvir o mar. Sou uma feliz zarda, eu sei! Ver e ouvir o mar sempre me sossegou e relembra-me que somos todos tão pequeninos nessa imensidão que é o mundo e a vida. Nunca isso fez tanto sentido como agora... E já vos disse, não foi? Tenho saudades...

(Texto escrito entre 15 de março e 15 de abril)

ARTIGOS DE OPINIÃO publicados em jornais, em diferentes anos, pela luta contra a violência. Textos publicados em alturas em que a **UMAR** leva a cabo os “16 dias de ativismo, pelo fim da violência”

27



Malvina Sousa

Poema sem nome....

(em nome de todas as vítimas de violência doméstica)



Arrancaste a minha voz...
Silenciaste o meu mundo,
Calaste as minhas vontades,
Raptaste o meu ser...

Transformaste a minha vida...
Espancaste o meu corpo,
Agridiste as minhas verdades,
Ignoraste o meu querer...

Sangraste a minha alma...
Aprisionaste as minhas mãos,
Capturaste a minha liberdade,
Encarceraste o meu querer...

Destruíste as minhas ilusões...
Fizeste de mim desespero e silêncio,
Arruinaste sonhos e dignidade,
Demoliste o que eu podia ser...

Arrancaste-me à vida...
Fizeste órfãos os nossos filhos,
Enterraste o que restava de felicidade...
Ceifaste sorrisos por existir,
Arrasaste momentos por viver,
Destruíste caminhos a construir,
Apagaste memórias que pediam para viver...

Tu... sepultaste direitos,
Tu afundaste a humanidade...
No momento em que eu deixei de ser!

16 Dias de Ativismo pelo
Fim da Violência contra as Mulheres
Ver mais: Facebook UMAR-Açores



Diário dos Açores

O quotidiano mais antigo dos Açores

0,80 € Fundado em 1870 por M. A. Tavares de Resende
Director Paulo Hugo Viveiros | Director Executivo Osvaldo Cabral
Quinta-feira, 8 de Dezembro de 2022 | Ano 153 | N.º 42.950

6 | OPINIÃO/PUB.

8 de Dezembro 2022 - www.diariodosaçores.pt



Malvina Sousa

16 dias de ativismo pelo fim da Violência Contra as Mulheres

Abres os olhos!

Fechas os olhos.
Os gritos já não se ouvem. São ecos da tua voz...
A dor já se entranhou, na escuridão, que se faz leito...
Nela te deitas, imóvel, encolhida, sombra de ti...
Seguras a alma, quer saltar-te do corpo! Desejo atroz!
Cheiras o desalento, falta-te o ar, espreme-te o peito...
É vazio e desespero... réu a ser julgado, sem álibi...

Fechas os olhos.
E à tua frente, despenham-se momentos, em segundos...
E o teu corpo fraco, hesitante... balanceia entre pontes,
Deseja ir-se embora, sentir paz, aconchego... quer descansar!
Hesita entre histórias, emoções...abraça restos de mundos...
Mas uma e outra vez chega o monstro, brutamontes...
E as mãos que te taldam, chegam prontas, a despedaçar!

Inspiras. Devagar, sentes o frio a tomar conta de ti.
A escuridão, a abraçar-te, a puxar-te, para um buraco sem fim...
Até que...

Abres os olhos! E como um soluço, és pulsação, és respirar!
Ergues o peito, armas o corpo, fazes-te força, alma a lutar!
Abres os olhos! Esta é a batalha que vais travar e tens de vencer!
Ergues as mãos, fazes-te garra, és a opção, a estremecer!
Abres os olhos! E és tsunami, mulher, poder, raio, caminho, trovão!
Ergues a vida, e és amor, frágil e forte, calma e loucura, és coração!
Abres os olhos, caminhas e vences, fazes e triunfas, tu és capaz!
Ergues a vontade... ages, conquistas, és mais e mais!

Abres os olhos??!



Malvina Sousa

16 dias pelo fim da violência contra as mulheres Por todas as Marias do mundo

Chama-se Maria. Tem no olhar o azul do céu e todos os sonhos do mundo. Cresce. Numa infância cinzenta, confusa e atribulada, rodeada de monstros. Monstros reais! De carne e osso!

Chama-se Maria. E começa a perder a cor da alegria e os sonhos que a fariam ser mais e ir mais além. Mas ela, a Maria, continua a sonhar e a acreditar. Ainda.

Maria cresce. Continua rodeada de monstros e sem entender o que a circunda e menos ainda algumas aproximações. "Não têm mal, as aproximações", dizem-lhe as vozes abafadas e cheias de maldade, cheias da aspereza e do nojo que as envolve.

A alegria dá lugar ao silêncio e ao olhar vazio, cinzento, que se perde tantas e tantas vezes no horizonte, em busca de asas que a possam levar dali para fora. As asas tardam. O voo desaprende a liberdade e envolve-a numa prisão... de vozes, de gestos, de gritos surdos e agonias profundas. "Está sempre a cismar, essa rapariga!", dizem outras vozes que teimam em não ver os monstros disfarçados...

Maria torna-se mulher. Há muito que deixou de olhar para o horizonte e de esperar que as asas ganhem coragem e se façam voo alto, caminho longínquo, esperança escondida! Há muito que arrancou a voz e se calou, habituada a ser silêncio e ausência de vontade e querer.

Maria sente-se sozinha. Perdida. Não percebe como a estrada se tornou tão quebrada, tão cheia de pedras e de muros, tão cheia de nada. Perdeu os sonhos, num caminho sem retorno. Perdeu tudo.

Apenas os monstros não largam Maria. E as mãos destes monstros, enormes, negras, a envolvem, magoam, se apoderam do seu ser e da sua vida.

Maria morreu. Dos que a rodeiam... todos disseram não saber porquê. Até os monstros! Maria morreu... apesar de já ter morrido, tantas vezes, aos poucos... Maria morreu!

Maria não conheceu a outra Maria.

Aquela que, como ela, tinha todos os sonhos do mundo e o azul do céu no olhar.

Aquela que, sem infância cinzenta e sem monstros à sua volta, cresceu feliz e cheia de vida para dar, cheia de histórias para contar, cheia de momentos para construir e acarinhar.

Aquela Maria que se fez mulher e se apaixonou, bendizendo o dia em que este amor surgiu na sua vida, para, num instante, o amaldiçoar. Porque este amor, disfarçado de ternura e querer, era apenas a voz que mandava e desmandava e que, sem explicação alguma, virava o seu mundo do avesso e transformava a sua existência em dor. Esse suposto amor, monstruoso no ser, que lhe levantava a mão e a feria, para logo depois lhe pedir perdão e jurar que tal nunca mais aconteceria. E como mentia, esse suposto amor! E como se repetia em gestos iguais e cheios de cobardia, cheios do nada que era!

Aquela Maria que queria acreditar no remorso e no arrependimento falso, e, pior, que começava a acreditar já não merecer mais da vida. Aquela Maria que, para além das pancadas, também era abafada, magoada, maltratada e ferida por palavras imundas e que a cravavam como punhais, disfarçando um golpe e mais outro, sem retorno da paz, sem retorno do ser. Aquela Maria que era destruída porque não fizera o que ele quisesse, respondera de forma indesejada, sorria demais, ou, simplesmente... porque ali estava!

Aquela Maria que também foi morrendo aos poucos por não conseguir dizer não, por não saber onde ele estava... por não saber dizer "basta", abafada e encolhida pelas palavras de uma sociedade que aceita a podridão e nada faz para a parar. Essa Maria

também morreu. Às mãos do monstro que "a amava" e que nunca mais a voltaria a magoar... para dor sua!! Às mãos sangrentas e podres do monstro, igual a tantos e tantos monstros!

E já vos falei da outra Maria? Aquela que teve a força de dar o passo, o tal, mostrando que os monstros existem para serem destruídos, enfrentados e para se reduzirem a nada? E que nos ensina que as Marias podem ser mais fortes, e dizer não, e agarrar nas rédeas da sua vida, e lutar pelo direito básico de qualquer ser humano, que é o de ser feliz?

Aquela que gritou basta!... e que fez do basta o mote para mudar a sua vida e ser a força e a vontade de quem luta e acredita que merece mais? Aquela que fechou a porta e deixou, por detrás dela, o monstro que a encolhia, que a fazia tornar-se irreconhecível, até para ela mesma, que a fizera perder o gosto pela vida e ser quem nunca desejou, quem nunca procurou ser?

Essa Maria está viva!!! E, todos os dias, percebe que é forte e que merece mais e melhor! E luta pelo que merece. E não deixa que ninguém lhe diga o que é, o que deve fazer, como deve agir! Essa Maria está viva! Quando ninguém a ajudou, ela lutou e fez-se força e esperança!

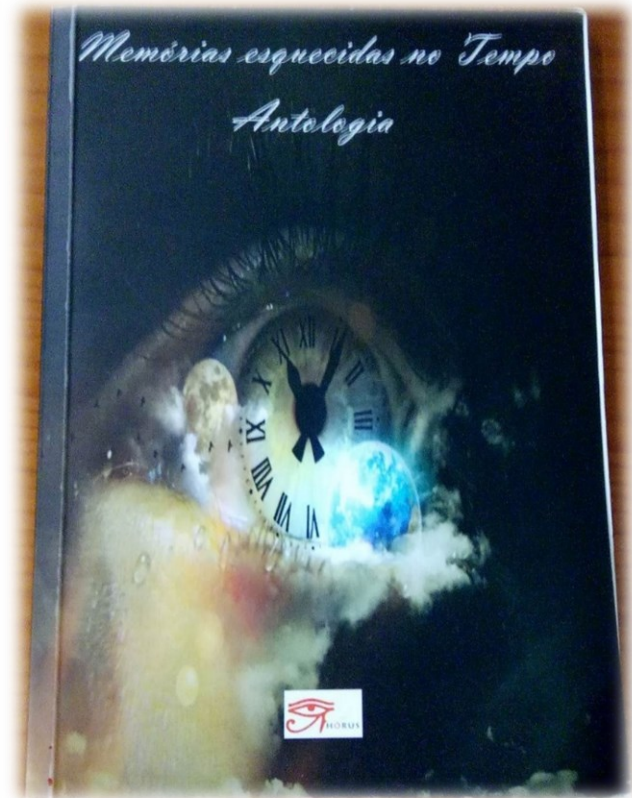
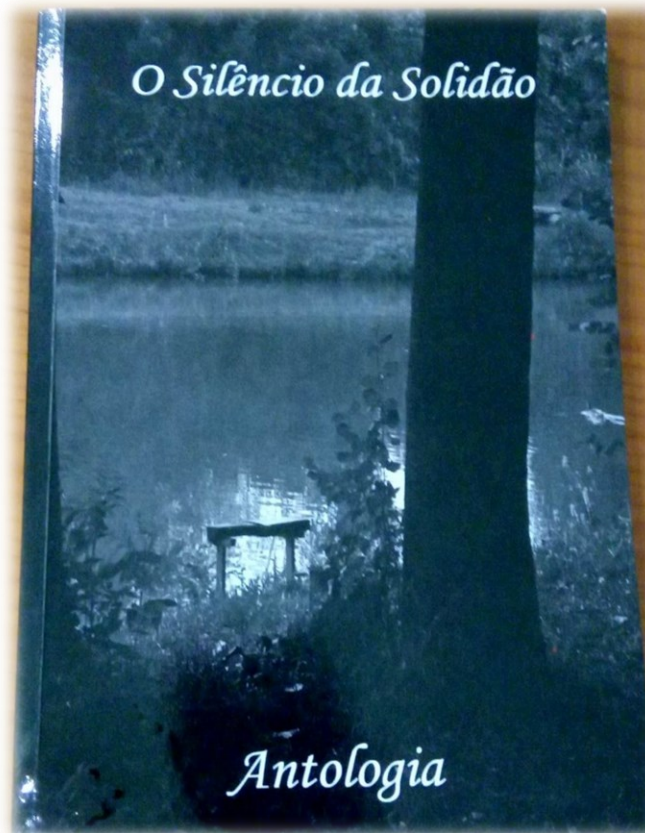
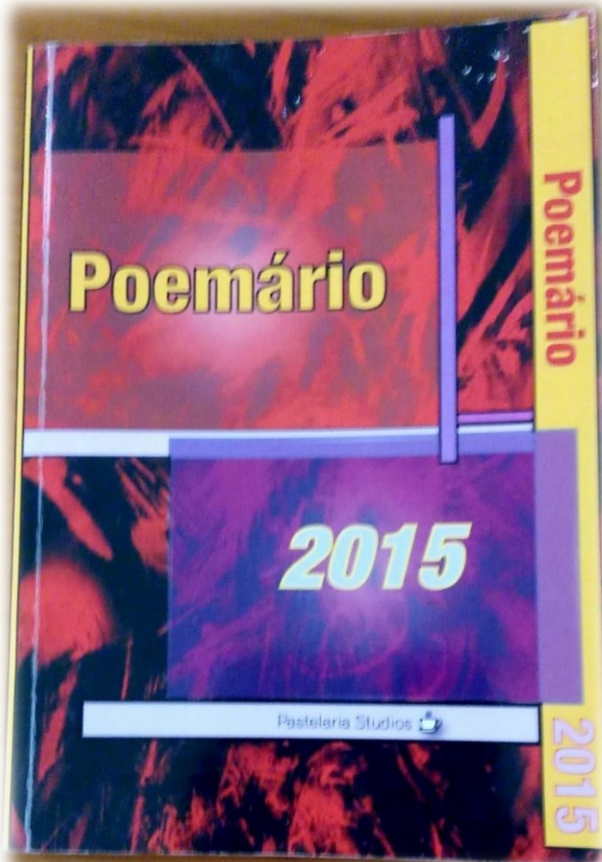
Essa Maria está viva... por ela... e por todas as Marias do mundo...

Esta Maria vive e está viva e ávida de viver! Porque não é a qualidade do caminho que determina a qualidade de vida... mas o facto de sermos nós a caminhar o que escolhemos como caminho. E caminho rima com carinho ..., que é a admiração que aprendemos a ter por nós próprios.



FOTOGRAFIAS ILUSTRATIVAS de livros de Malvina de Sousa
e de algumas coletâneas nas quais participou





SELEÇÃO DE TEXTOS

Capítulo I

A respiração fazia estremecer o seu corpo franzino. O passo era apressado e inquieto. Olhou para o relógio, uma e outra vez, sem travar a passada rápida que, de vez em quando, se obrigou a alternar com uma corrida.

Estava quase. Não faltava muito. Podia ser que tivesse sorte... “Por que raios tivera de se atrasar? Logo hoje tinha que aparecer aquela fila enorme de gente na praça da freguesia?! Será que não havia outro dia para irem todos comprar fruta e legumes? Será que tinham todos que escolher exatamente o mesmo dia e a mesma hora que ela? Raios partam!” – gritou, interiormente, à medida que os seus pés lambiam o chão, quase parecendo voar.

A casa espreitava ao fundo da rua. Como quem corre para a meta num *sprint* final, ela foi buscar forças ao receio que vinha do fundo da sua alma e, sem dar por isso, já estava de chave em punho, cuidadosamente e devagarinho, a abrir a porta de casa, ao mesmo tempo que, com a outra mão, segurava os sacos das compras.

Entrou com o mesmo cuidado e vagar com que abriu a porta. Podia ser que tivesse sorte e, caso ele já estivesse em casa, se encontrasse a dormir, agarrado à cerveja, e não desse pela sua chegada. Devagar, foi-se arrastando pelo corredor. Parou. A sua respiração, cúmplice, também se reteve. Com uma ginástica quase acrobática, balanceou o corpo para a frente, ao mesmo tempo que se deteve na entrada que dava para a sala. Os seus olhos, inquietos, percorreram a divisão com uma rapidez treinada. Ninguém! E o sofá estava vazio!

Ufa!

Suspirou fundo, esvaziando o corpo da pressão terrível que se apoderava dela em situações como aquela...

No entanto, sem tempo a perder para restaurar as suas forças, aprontou-se para passar à fase seguinte: a preparação, rápida, muito rápida, do jantar.

Os seus pensamentos foram interrompidos pela pancada. Forte e certa. No rosto. Todo o lado esquerdo da sua face chiava, à medida que a dor ia aumentando e que o seu corpo foi arremessado para o chão. Sentiu o sangue quente deslizar-lhe do nariz até à boca. Soube-lhe a raiva! E ela já lhe conhecia o gosto há muito tempo! Levantou a cabeça. Foi quando o viu, ainda que não precisasse disso para saber de onde poderia ter vindo tamanha covardia. De rosto distorcido, ele estancara à sua frente, como se esperasse por algo que ela já não conseguia adivinhar. Maria olhou-o. De frente.

— Onde é que tu andaste? — vociferou ele, de cerveja na mão. — Com quem é que estiveste? — atacou, agora com palavras, e mostrando-se pronto para uma nova investida, à medida que ela se levantava em silêncio.

Há muito que Maria desistira de lhe explicar o que não tinha esclarecimento possível. Há muito que desistira de arranjar justificações para as mudanças de tom de voz

dela, que ele inventava, as afrontas que ele via em tudo, os atrasos que ele forjava, a camisa que não estava passada e que ele escolhera entre todas as outras meticulosamente engomadas... tudo isso embrulhado na bebida e na maldade dele e sempre certas no alvo: ela!

Sem uma palavra, Maria levantou-se e dirigiu-se para a cozinha.

Ele seguiu-a, tropeçando nos seus próprios passos. Agarrou-a pelo braço e puxou-a para si, aos gritos:

— Responde-me, mulher! Ouviste? Responde-me! Eu nem sei o que te faço!

As frases eram recortadas pela respiração ofegante dele... como se a sua crueldade saísse em lampejos e precisasse de descansar uma vez por outra. E, então, ele voltava a levantar o braço preparando-se para lhe bater...

Foi quando, pelo canto do olho, Maria viu a sua menina, parada no corredor, imóvel, de olhar aterrorizado, num sussurro que o medo não deixava tomar voz.

Com uma rapidez e uma força que desconhecia ter, aquela mulher segurou o braço dele, enquanto o olhou nos olhos e murmurou, com desprezo no olhar e nojo na voz:

— Não te atrevas!! NÃO em frente à menina!!! Tu NÃO me voltas a bater!

Excerto Cap. I, *Até que a violência nos separe*, Malvina Sousa, Letras Lavadas, 2019

Conto

Há muitos, muitos anos, num reino longínquo chamado Açores, composto por várias ilhas, vivia um príncipezinho, ainda criança, chamado Céu.

Era véspera de Natal. Céu tinha pedido aos pais, o rei e a rainha, que, naquele dia, fossem todos passear pelos seus locais preferidos da ilha de São Miguel. Assim foi. Andaram por tantos lugares, passaram pelas Furnas, de águas borbulhantes, comeram o delicioso cozido típico... depois, visitaram o Ilhéu de Vila Franca, e andaram, andaram, até chegarem à Lagoa das Sete Cidades, que o encantava sempre devido às suas cores azul e verde!

Céu estava parado a admirar aquela beleza, quando, de repente, olhou para o lado e viu uma menina, que devia ter mais ou menos a sua idade. Vestia uma roupa azuis, gastas pelo passar do tempo, carregava um livro cheio de folhas e não trazia nada nos pés! Admirado, Céu perguntou à menina como se chamava e por que razão andava descalça.

A rapariga, com um sorriso como nunca se vira igual, respondeu que tinha como nome Mar e que os últimos sapatos que tivera estavam tão esburacados que lhe tinham caído dos pés. Depois, ainda acrescentou que estes não lhe faziam falta, porque lhe dificultavam o que mais gostava de fazer: voar!

— Voar??!! — perguntou Céu, não percebendo o que queria ela dizer.

— Sim! — respondeu a menina. — Eu adoro voar.

– Não acredito que consigas voar! – atirou Céu, achando que a rapariga era maluca.

– Mas o problema é mesmo este... tu só tens de acreditar! Os meus avós ensinaram-me sempre que, se eu desejar com muita força, e acreditar em mim, eu consigo tudo!

E não é que têm razão?! Aliás... eu acho que os avós têm sempre razão! – confessou a menina. – Sabes, eu, por exemplo, apesar de ser muito pobre e da minha família não ter o que comer, acredito que amanhã, dia de Natal, vai ser um dia muito feliz para nós. E acho que, se acreditar o suficiente, vai acontecer!

Céu ficou a olhar para a menina... Esta, sorrindo, sugeriu que fossem dar um passeio. Quando ele concordou, Mar agarrou na mão de Céu, pediu-lhe que fechasse os olhos e que acreditasse muito que conseguia voar. Céu teve medo, mas queria saber se aquela maluquice era mesmo a sério. Assim, fechou os olhos, e disse para si mesmo:

– Eu consigo! Eu vou voar!

De repente, Céu e Mar, juntos, estavam a voar! Era mesmo verdade! Era mesmo verdade que, se acreditasse o suficiente, ele conseguia! Voaram, voaram, viram as ilhas dos Açores lá de cima, viram meninos felizes, meninos tristes, pessoas ricas, pessoas pobres, alegrias, tristezas... o mundo!

Quando regressaram à Lagoa das Sete Cidades, Céu sentia-se mais forte porque agora acreditava que podia conseguir tudo o que desejasse. E percebeu que, comparado com outros meninos, ele tinha muita sorte!

Era tarde... e as duas crianças tiveram de se despedir. Mas, antes de se vir embora, Céu convidou Mar e a família a passarem o Natal no seu palácio! E pediu aos pais que oferecessem um banquete a todas as pessoas do reino... para que, pelo menos naquele dia, nada lhes faltasse!

Assim foi. No dia de Natal, nada faltou a Mar, à sua família e a todas as pessoas do reino... e foi um dia muito feliz, tal como ela havia dito que aconteceria se acreditasse muito.

À noite, Mar quis oferecer a Céu uma das folhas do livro que trazia sempre consigo! Foi quando uma das janelas do palácio se abriu e uma rajada de vento lhe arrancou o livro das mãos e todas as folhas voaram! Surpreendidas, as crianças olharam para o que acontecia à sua volta: as folhas do livro pareciam multiplicar-se e dançar no ar e, todas juntas, iam formando uma árvore de Natal gigante!

– Afinal, que livro é esse que trazias sempre na mão? Não me chegaste a dizer...– quis saber ele, ainda espantado.

– É o livro dos sonhos! São os sonhos que nos fazem voar! – respondeu Mar.

A árvore ficava maior e mais bonita a cada momento. A certa altura, parecia que as letras de todas as páginas se desbotavam, e escorriam pela árvore abaixo, como água, em gotas de luz que piscavam e iluminavam tudo e todos! E as letras, como que lavadas, renasciam, uma e outra vez... e tudo recomeçava!

– Que linda! – gritou Mar, feliz! Uma Árvore de Natal das Letras Lavadas!

Naquele Natal, aquela árvore, enorme, cheia de sonhos, de vida e de esperança iluminou o Reino dos Açores!

E ainda hoje se diz que, nos Açores, Céu e Mar estão sempre abraçados e são um só!

E, todos os anos, também no Natal, neste reino tão especial, a Árvore de Natal das Letras Lavadas volta a aparecer e a brilhar, com todas as crianças felizes, à sua volta, a lembrar que são as letras, os sonhos, a fraternidade, o amor e o acreditar que tornam tudo possível!

Malvina Sousa, Publicado pelas Letras Lavadas na coletânea *Este ano desembrulha o espírito de Natal*, 2019

POEMAS E OUTROS TEXTOS

Diz Não!!!

Quando te disserem que a terra não gira,
E que nunca poderás mudar nada no mundo,
E quando te disserem que no mundo haverá quem te fira,
E que por isso tu irás ao fundo... diz Não!!!!

Quando te disserem que o céu é feio e escuro,
E que as cores deste são impossíveis de modificar,
E quando te disserem que à tua frente tens o maior muro,
E que nunca o conseguirás derrubar... diz Não!!!

Quando falarem de ti sem saber ou verdade,
E a raiva dentro de ti começar a crescer,
E quando te disserem que é normal a crueldade,
E que contra ela nada podes fazer... diz Não!!!!

Quando todos estiverem à tua volta a criticar,
E sentires dos teus pés todo o chão desaparecer,
E quando te sorrirem sem os olhos a brilhar,
E a tristeza se apoderar de todo o teu ser... diz Não!!!

Quando olhares para os que estão ao teu lado,
E não sentires vir deles a verdade,

E quando recordares ou olhares para algo do passado,
E não encontrares felicidade... diz Não!!!!

Quando te quiserem tirar a fé, a esperança e o Amor,
E te quiserem fazer sofrer e chorar,
E quando te disserem que a vida só te traz dor,
Fá-los ver o que é viver e Amar... diz Não!!!

Diz Não!!! Sabendo que só em ti reside a força e o poder,
De mesmo vendo a escuridão e mil muros, tudo conseguir conquistar...
Diz Não!!! Aprendendo a conter os gritos e sabendo que vais sofrer,
Mas não o aceites como quem não tem a opção de lutar...
Diz Não!!!...

Malvina Sousa, in **Momentos**. Editora O Cão que lê, 2011

Poema sem nome....

(em nome de todas as vítimas de violência doméstica)

Arrancaste a minha voz...
Silenciaste o meu mundo,
Calaste as minhas vontades,
Raptaste o meu ser...

Transformaste a minha vida...
Espancaste o meu corpo,
Agrediste as minhas verdades,
Ignoraste o meu querer...

Sangraste a minha alma...
Aprisionaste as minhas mãos,
Capturaste a minha liberdade,
Encarceraste o meu querer...

Destruíste as minhas ilusões...
Fizeste de mim desespero e silêncio,
Arruinaste sonhos e dignidade,
Demoliste o que eu podia ser...

Arrancaste-me à vida...
Fizeste órfãos os nossos filhos,
Enterraste o que restava de felicidade...
Ceifaste sorrisos por existir,
Arrasaste momentos por viver,
Destruíste caminhos a construir,
Apagaste memórias que pediam para viver...

Tu... sepultaste direitos,
Tu afundaste a humanidade...
No momento em que eu deixei de ser!

Malvina Sousa (publicado em jornal)



Abres os olhos!

(em nome de todas as vítimas de violência doméstica)

Fechas os olhos.

Os gritos já não se ouvem. São ecos da tua voz...

A dor já se entranhou, na escuridão, que se faz leito...

Nela te deitas, imóvel, encolhida, sombra de ti...

Seguras a alma, quer saltar-te do corpo! Desejo atroz!

Cheiras o desalento, falta-te o ar, espreme-te o peito...

És vazio e desespero... réu a ser julgado, sem álibi...

Fechas os olhos.

E à tua frente, despenham-se momentos, em segundos...

E o teu corpo fraco, hesitante... balanceia entre pontes,

Deseja ir-se embora, sentir paz, aconchego... quer descansar!

Hesita entre histórias, emoções... abraça restos de mundos...

Mas uma e outra vez chega o monstro, brutamontes...

E as mãos que te toldam, chegam prontas, a despedaçar!

Inspiras. Devagar, sentes o frio a tomar conta de ti.

A escuridão, a abraçar-te, a puxar-te, para um buraco sem fim...

Até que...

Abres os olhos! E como um soluço, és pulsação, és respirar!

Ergues o peito, armas o corpo, fazes-te força, alma a lutar!

Abres os olhos! Esta é a batalha que vais travar e tens de vencer!

Ergues as mãos, fazes-te garra, és a opção, a estremecer!

Abres os olhos! E és tsunami, mulher, poder, raio, caminho, trovão!

Ergues a vida, e és amor, frágil e forte, calma e loucura, és coração!

Abres os olhos, caminhas e vences, fazes e triunfas, tu és capaz!

Ergues a vontade... ages, conquistas, és mais e mais!

Abres os olhos??!

Malvina Sousa (publicado em jornal)

Por todas as Marias do mundo...

Chama-se Maria.

Tem no olhar o azul do céu e todos os sonhos do mundo.

Cresce. Numa infância cinzenta, confusa e atribulada, rodeada de monstros. Monstros reais ! De carne e osso!

Chama-se Maria. E começa a perder a cor da alegria e os sonhos que a fariam ser mais e ir mais além. Mas ela, a Maria, continua a sonhar e a acreditar. Ainda.

Maria cresce. Continua rodeada de monstros e sem entender o que a circunda e menos ainda algumas aproximações. *“Não têm mal, as aproximações”*, dizem-lhe as vozes abafadas e cheias de maldade, cheias da aspereza e do nojo que as envolve.

A alegria dá lugar ao silêncio e ao olhar vazio, cinzento, que se perde tantas e tantas vezes no horizonte, em busca de asas que a possam levar dali para fora. As asas tardam. O voo desaprende a liberdade e envolve-a numa prisão... de vozes, de gestos, de gritos surdos e agonias profundas. *“Está sempre a cismar, essa rapariga!”*, dizem outras vozes que teimam em não ver os monstros disfarçados...

Maria torna-se mulher. Há muito que deixou de olhar para o horizonte e de esperar que as asas ganhem coragem e se façam voo alto, caminho longínquo, esperança escondida! Há muito que arrancou a voz e se calou, habituada a ser silêncio e ausência de vontade e querer.

Maria sente-se sozinha. Perdida. Não percebe como a estrada se tornou tão quebrada, tão cheia de pedras e de muros, tão cheia de nada. Perdeu os sonhos, num caminho sem retorno. Perdeu tudo.

Apenas os monstros não largam Maria. E as mãos destes monstros, enormes, negras, a envolvem, magoam, se apoderam do seu ser e da sua vida.

Maria morreu. Dos que a rodeiam... todos disseram não saber porquê. Até os monstros! Maria morreu... apesar de já ter morrido, tantas vezes, aos poucos... Maria morreu!

Maria não conheceu a outra Maria.

Aquela que, como ela, tinha todos os sonhos do mundo e o azul do céu no olhar.

Aquela que, sem infância cinzenta e sem monstros à sua volta, cresceu feliz e cheia de vida para dar, cheia de histórias para contar, cheia de momentos para construir e acarinhar.

Aquela Maria que se fez mulher e se apaixonou, bendizendo o dia em que este amor surgiu na sua vida, para, num instante, o amaldiçoar. Porque este amor, disfarçado de ternura e querer, era apenas a voz que mandava e desmandava e que, sem explicação alguma, virava o seu mundo do avesso e transformava a sua existência em dor. Esse suposto amor, monstruoso no ser, que lhe levantava a mão e a feria, para logo depois lhe pedir perdão e jurar que tal nunca mais aconteceria. E como mentia, esse suposto amor! E como se repetia em gestos iguais e cheios de cobardia, cheios do nada que era!

Aquela Maria que queria acreditar no remorso e no arrependimento falso, e, pior, que começava a acreditar já não merecer mais da vida. Aquela Maria que, para além das pancadas, também era abafada, magoada, maltratada e ferida por palavras imundas e que a cravavam como punhais, desferindo um golpe e mais outro, sem retorno da paz, sem retorno do ser. Aquela Maria que era destruída porque não fizera o que ele quisera, respondera de forma indesejada, sorria demais, ou, simplesmente,... porque ali estava!

Aquela Maria que também foi morrendo aos poucos por não conseguir dizer não, por não saber onde ele estava..., por não saber dizer “*basta*”, abafada e encolhida pelas palavras de uma sociedade que aceita a podridão e nada faz para a parar. Essa Maria também morreu. Às mãos do monstro que “a amava” e que nunca mais a voltaria a magoar..., para dor sua !! Às mãos sangrentas e podres do monstro, igual a tantos e tantos monstros!

E já vos falei da outra Maria? Aquela que teve a força de dar o passo, o tal, mostrando que os monstros existem para serem destruídos, enfrentados e para se reduzirem a nada? E que nos ensina que as Marias podem ser mais fortes, e dizer não, e agarrar nas rédeas da sua vida, e lutar pelo direito básico de qualquer ser humano, que é o de ser feliz?

Aquela que gritou basta !..., ” e que fez do basta o mote para mudar a sua vida e ser a força e a vontade de quem luta e acredita que merece mais? Aquela que fechou a porta e deixou, por detrás dela, o monstro que a encolhia, que a fazia tornar-se irreconhecível, até para ela mesma, que a fizera perder o gosto pela vida e ser quem nunca desejou, quem nunca procurou ser?

Essa Maria está viva!!! E, todos os dias, percebe que é forte e que merece mais e melhor! E luta pelo que merece. E não deixa que ninguém lhe diga o que é, o que deve fazer, como deve agir!

Essa Maria está viva! Quando ninguém a ajudou, ela lutou e fez-se força e esperança!

Essa Maria está viva... por ela... e por todas as Marias do mundo...

Esta Maria vive e está viva e ávida de viver! Porque não é a qualidade do caminho que determina a qualidade de vida..., mas o facto de sermos nós a caminhar o que escolhemos como caminho. E caminho rima com carinho ..., que é a admiração que aprendemos a ter por nós próprios.

Malvina Sousa, novembro de 2021 (publicado em jornal)

Sabe-se lá como...

Tapam-te os olhos...

E tu, sabe-se lá como, vês e pintas o mundo de outras cores,

Vês flores coloridas na tristeza, arco-íris nas dores...

Prendem-te as mãos...

E tu, sabe-se lá como, constróis novos mundos,

Edificas castelos, patrimónios profundos....

Cortam-te as asas...

E tu, sabe-se lá como, arranjas novas formas de voar,

Encontras novos céus para conquistar...

Tiram-te o chão...

E tu, sabe-se lá como, constróis caminhos à tua frente,

Desbravas barreiras e atalhos na tua mente...

Calam-te a voz...

E tu, sabe-se lá como, fazes de silêncios roucos o teu grito,

Escreves uma epopeia, ages, fazes-te mito!

Arrancam-te o coração!!!

E tu... só tu sabes como... amas tremendamente!!!

Arrepias a alma... és dentro... e ficas... eternamente!

Malvina Sousa, *Nova Antologia de Autores Açorianos*, de Helena Chrystello

MULHER!

É mar profundo,
Laço de paz,
É vida, é mundo,
Transforma, faz!

É tempestade,
Lar e caminho,
Agir, vontade,
Rosa e espinho...

É frágil e forte...
Tempestade e sol,
Constrói a sorte,
É terra, girassol...

Sorri e chora,
Faz-se de luz...
É tudo, o agora,
Luta e conduz!

Protege, cuida,
Transforma o tempo...
A vida muda,

É amor, momento!

É calma e loucura,
Silêncio a gritar,
Esperança que perdura,
É o ser, o amar!

Edifica sonhos,
Reescreve vidas,
Fala com os olhos,
Cura feridas!

É poder, vulcão,
Coragem, eternidade,
É sentir, coração...
Ponte e verdade!

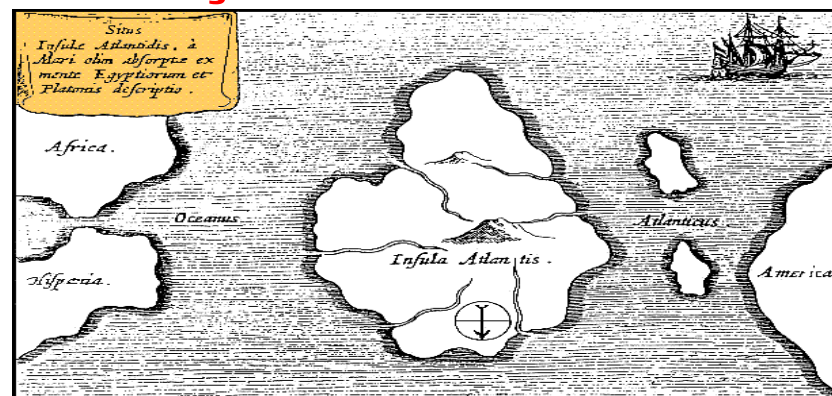
Desistir? Jamais!!
Sabe o que quer...
De tudo isso e muito mais...
Se faz a MULHER!

Malvina Sousa, 08-03-2023

CADERNOS de ESTUDOS AÇORIANOS

43

REVISTA DE ESTUDOS LUSÓFONOS, LÍNGUA E LITERATURA, DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA



CADERNO # 41 - EDIÇÃO maio 2023

DEDICADO A MALVINA SOUSA

Todas as edições em <http://www.lusofonias.net>
<https://www.lusofonias.net/acorianidade/cadernos-acorianos-suplementos.html>

**Editor AICL - Colóquios da Lusofonia Chrys
Chrystello**

**COORDENADOR DOS CADERNOS 2021
– Susana Antunes**

**CONVENÇÃO: O Acordo Ortográfico 1990 rege os
Colóquios da Lusofonia para todos os textos escritos
após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)**



Editado por ©TM® **COLÓQUIOS DA LUSOFONIA AICL,
ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL COLÓQUIOS DA LUSOFONIA**
DVD ISSN 2183-9115 ONLINE ISSN 2183-9239